
INCLUSÃO DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS EM AULAS DE HISTÓRIA

Tiese Teixeira Júnior

Doutorando em Ciência do Desenvolvimento Socioambiental, pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, NAEA, da Universidade Federal do Pará. Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre Mudança Social no Sudeste Paraense, GEPEMSSP, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, UNIFESSPA. Professor da rede pública de ensino do Estado do Pará.

E-mail tiesejr@gmail.com

INCLUSÃO DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS EM AULAS DE HISTÓRIA

INCLUSION OF VISUAL DEFFICIENT STUDENTS IN HISTORY CLASSES

Tiese Teixeira Júnior

RESUMO

Esta experiência de ensino tem o objetivo de fazer um registro docente sobre a inclusão de alunos cegos em aulas de História, desenvolvido no período de fevereiro a dezembro, de 2016, em uma turma de ensino médio, da Escola Pública do Estado do Pará, Anunciada Chaves. Participaram das atividades os alunos da turma 101, entre eles os irmãos Diego e Manuel Lira, deficientes visuais desde o nascimento. Entre as práticas de ensino desenvolvidas destacaram-se: Leitura individual e coletiva a produção de textos em braile e o uso de palavras-chave como recurso pedagógico norteador das aulas. A rede teórica dialoga, entre outros, com Anjos (2015), Oliveira (2011) e Perrenoud (2001). No aspecto metodológico foram feitas leituras sobre o tema e anotações sobre esta experiência em um caderno de campo. A composição deste trabalho está permitindo a documentação escrita de práticas de ensino em aulas de história, no ensino básico, com alunos cegos e talvez possa ajudar a alimentar outros debates sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE:

Inclusão, Alunos Cegos, História.

ABSTRACT

This experience of teaching has objective to do a teaching record, about inclusion of blind students in history classes, developmented from february until dicember of 2016, in one class of high school, in a public school Anunciada Chaves from Pará cowntry. Participared from actitivies students from class 101, bettween them brothers Diego e Manuel Lira, blinds since birth. Between the practices development are: Individual and collective reading, writing in braile and key-words like pedagogical resource in classes. In theoretic aspect, this article dialogues with Anjos (2015), Oliveira (2011) e Perrenoud (2001). In aspect methodological it was made a reading about subject and anotacion in one notebook about the experience. This research it is helping the writing documents of the teaching practice in history classes, in basic education, with blind students and maybe can help another discussion about subject matter.

KEY-WORDS:

Inclusion, Blinds Students, History.

Falar em processos de educação especial e educação inclusiva não é menos delicado, que entrar em uma sala de aula em que haja uma aluna, ou um aluno que demande sua inclusão na aula a ser conduzida. É um desafio constante. “Um agir na urgência, um decidir na incerteza” (PERRENOUD, 2001, p.44). É um nunca estar preparado.

A sociedade ocidental, ao longo de sua história tem sido marcada por políticas extremas de exclusão em relação à pessoa com deficiência, exemplo disso ocorreu em Esparta, na Grécia antiga, uma sociedade onde a beleza física e o culto ao corpo eram condições para a participação na vida social.

No século XIX, ocorreu a tentativa de recuperação da criança com deficiência, com a intenção de ajustá-la à sociedade. Neste século, também, a medicina passou a conquistar espaço nos estudos das deficiências, período em que as pessoas com deficiência continuavam segregadas em asilos e hospitais, já com o objetivo de tratamento médico. Assim, a deficiência ligava-se à incapacidade, e havia pouca possibilidade de mudar esse cenário. Abandonar ou eliminar pessoas com deficiências era tido como uma atitude socialmente aceita pela maioria.

No Brasil da segunda metade do século XX houve uma disseminação de instituições de segregação especializadas, eram chamadas de escolas especiais, ou centros de reabilitação. Era o início da História da Educação Especial no Brasil e foi marcada pelo atendimento clínico à pessoa com deficiência e tinha um cunho filantrópico. Na década de 1980 houve o fortalecimento do processo de integração social de pessoas com deficiência nos sistemas de educação do país (SASSAKI, 1997, p.99).

Desta forma, a integração social surgiu como necessidade de inserção social do indivíduo com deficiência, sem que a sociedade se modificasse. Na realidade quem deveria estar preparado para ser inserido era a pessoa deficiente. Para isso, os métodos clínicos estavam prontos, a ajudar a pessoa a ser socializada e agir de forma “normal”, como a sociedade desejava (SASSAKI, 1997, p.102).

Os debates regionais sobre este tema (OLIVEIRA, 2011, p. 25) destacam que a formação inicial docente ainda é marcada por um caráter amplo e generalista, fato que a torna frágil. No universo dos educadores ditos especiais, aqueles que têm suas atividades voltadas para os alunos em situação de deficiência, e o dos educadores do ensino regular torna-se urgente que haja parcerias pedagógicas, como por exemplo, visitas às salas de atendimento

educacional especializado das escolas, por parte dos professores do ensino regular e uma maior abertura para práticas de ensino interdisciplinares, bem como, a promoção de debates que coloquem a presença da educação especial e da inclusão como uma realidade que a escola precisa compreender melhor.

A formação continuada de professores para a educação inclusiva ofertada em minicursos, seminários, palestras no âmbito das jornadas pedagógicas, ou em estudos de pós-graduação aparece como sendo uma oportunidade para que se entenda melhor os desafios colocados à educação, com o advento dos alunos em situação de deficiência, (ANJOS, 2015, p.47), defende que a sala de aula com alunos, que tenham demanda por uma educação diferenciada é, também, um espaço de formação em serviço. A escola inclusiva deve ser o lugar, onde os estudantes devem aprender independente das dificuldades ou das diferenças que possam ter. É o lugar em que estilos e ritmos de aprendizagens assegurem uma educação de qualidade para todos, em que estratégias de ensino e parcerias, sejam elementos fundamentais dentro do currículo escolar (OLIVEIRA, 2011, p. 21).

A experiência docente que ora se apresenta foi realizada, em aulas de História, com alunas e alunos do 1º ano do ensino médio, da Escola Estadual professora Anunciada Chaves, do município de Goianésia do Pará, no estado do Pará. As aulas ocorreram no período de fevereiro a dezembro de 2016, na turma 101, no turno da tarde, formada por 27 alunos entre eles os irmãos Diego e Manuel Lira, ambos deficientes visuais desde o nascimento. As aulas foram planejadas, com a intenção de incluir os mesmos nas atividades propostas para a turma. Em alguns momentos as ações foram as mesmas para toda a turma, como a leitura pública, por exemplo, em outros, houve alteração nas propostas para que a inclusão fosse possível, por outros canais, como nas sessões de ditado. Este relato foi mostrado aos referidos alunos, que o validaram e permitiram sua exposição.

No início do ano de letivo de 2016, as atividades das aulas de História eram feitas em duplas, pois, foi à forma que encontrei de incluir o Diego e o Manuel. Geralmente faziam os trabalhos com um colega de classe.

Algumas semanas depois, os irmãos questionaram se era possível outra forma de desenvolver as aulas, pois, estavam cansados dos trabalhos em dupla e sentiam que incomodavam os colegas. Começamos a pensar em reordenar os trabalhos. Primeiro a sessão de leitura, em seguida os comentários das palavras-chave do texto, destacadas pelos alunos, e então, passamos a orientar a atividade. O assunto em tela era Grécia Antiga, e a tarefa da

turma era anotar no mínimo dez palavras que considerassem importantes no contexto, para começarmos a compor um dicionário de História sobre o tema. Essa estratégia foi pensada em especial, para Diego e Manuel, já que não temos livros em Braile na escola.

Após a etapa de seleção das palavras, a proposta era reunir os alunos em duplas, para que juntos eles criassem verbetes explicativos das palavras selecionadas, e depois as colocassem em ordem alfabética, como num dicionário convencional. Assim, o trabalho foi sendo realizado. O Diego era o mais ávido por criar verbetes, apontando, por exemplo, que “a Democracia em Atenas era para poucos e tinha que ficar claro no verbete”. As atividades daquela aula foram para as mãos da professora Janete Magesk, tradutora e intérprete de Braile da rede municipal de ensino, que nos auxilia nesse processo, pois não havia essa profissional na rede Estadual. Para a próxima aula foi selecionado um texto sobre cultura na Grécia Antiga, que foi traduzido para o Braile. A próxima sessão de leitura foi iniciada pelo Manuel.

Naquele período, também, percebi que o Diego e o Manuel sabiam ler e escrever em Braile, algo que até então parecia invisível aos meus olhos. Passamos a usar suas habilidades de escrita para a produção textual. No próximo bimestre, foi feita uma exposição oral sobre a Idade Média, e os alunos foram orientados a anotar aspectos que considerassem relevantes, e depois fizessem intervenções a partir deles, o foco era o Manuel e o Diego. Funcionou. Eles anotaram e depois expuseram. Essa etapa nos levou ao ditado, para a dupla, como um recurso de produção de texto em braile, na sala de aula, a partir do livro de História¹ utilizado na turma. Uma vez o texto escrito em braile, eles faziam a leitura pública, ou leitura dirigida, retiravam palavras-chave e utilizavam para dar base às produções escritas em sala de aula. Este exercício, também, atendeu à necessidade de escrita e leitura apontada pelo Diego, dias antes.

Essa estratégia permitiu, que eles não precisassem mais fazer sempre os trabalhos em dupla, como aconteceu no primeiro semestre, de 2016. A presença do texto em braile criou uma autonomia para fazer as atividades, que melhorou o desenvolvimento das aulas de História. O fato de serem alfabetizados em braile foi fundamental nesse processo. Na última aula houve a produção de um texto em prosa, sobre absolutismo, ao ler os textos, senti que precisava fornecer mais informações sobre os assuntos, que os ajudasse a fortalecer seus argumentos no momento da produção escrita. A proposta de inclusão dos alunos com deficiência visual nas aulas História, no Colégio Anunciada Chaves, aos poucos vai se

¹ BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História: Sociedade e Cidadania. Vol. 1, São Paulo: FTD, 2013.

construindo a partir, também, dos saberes que esses alunos “especiais” carregam e compartilham no contexto em vivem.

A educação precisa pensar a unidade e a diversidade humana. É urgente compreender a unidade na diversidade, que se estende, também, a aspectos mentais, afetivos, intelectuais. Ainda que não seja o foco deste relato, é preciso pontuar, que os alunos aqui citados carregam um desenvolvimento intelectual acima da média da maioria dos seus colegas de escola. Fruto de um percurso sociocultural que precisa ser olhado mais de perto (MORIN, 2006, p. 34).

A presença de Diego e Manuel, naquela sala de aula criou uma dimensão particular. Um tempo particular. Relações humanas específicas. Os demais alunos da turma pareciam cúmplices no silêncio, nas brincadeiras, no respeito, e nas solidariedades, na hora da saída, por exemplo, alguém sempre ficava esperando em sala para dar os braços e levá-los até o portão da escola, onde havia um banco e eles ficavam sentados à espera do transporte escolar. Ali, os passantes os cumprimentavam e de longe se ouvia o bate papo acontecendo. Na escola, suas presenças eram tão fortes, quanto suas ausências.

Ao responderem presente, no momento da chamada, em sala de aula, Diego e Manuel exigiam, e ainda exigem da escola, uma “escolha ideológica (...) um convite para desfocar o olhar da limitação, da lesão, e direcioná-lo para a atuação” (ANJOS, 2015, p. 08). Reitero que, a intenção aqui é apenas compartilhar uma experiência, com alunos com deficiência visual em aulas de História. Experiência com tempo e espaço definidos, que longe de anunciar verdade, anuncia uma tentativa de ajudar no registro de saberes sobre inclusão desses alunos em processos de educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Hildete Pereira dos. **Por que a escola não é azul?** São Paulo: Paco editorial, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Políticas e práticas de inclusão de pessoas com deficiência na Amazônia Paraense: Um olhar a partir de produções acadêmicas.** In Olhando a Educação como um direito: deficiência, inclusão e diversidade. (Org). ANJOS, Hildete Pereira do Belém: Paka-Tatu, 2015.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças:** fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SASSAKI, Romeu. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

Experiência de ensino recebida em dezembro de 2016. Aprovado em fevereiro de 2017.